

Por que o rádio brasileiro começou em Recife¹

Luiz Artur FERRARETTO²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Estudo historiográfico que reposiciona o Rádio Clube de Pernambuco, de Recife, como impulsionador da radiodifusão sonora no Brasil. Demonstra que a sua fundação institucionaliza um processo iniciado em meados da década de 1910 e que transforma experimentos de comunicação por ondas eletromagnéticas ponto-ponto – em especial, radiotelegrafia – em ponto-massa – na passagem da radiotelegrafia para o meio rádio. Nesse sentido, descreve a atuação dos entusiastas pernambucanos, muitos dos quais com conhecimento técnico similar ao de seus congêneres dos Estados Unidos. Ao comprovar a importância de tal diferencial em relação a sociedades assemelhadas, demonstra o pioneirismo do grupo nordestino no desenvolvimento do que se conhece, então, como radiocultura.

PALAVRAS-CHAVE: Radiocultura; Rádio Clube de Pernambuco; História do rádio

Espécie de garoto-prodígio entre aqueles que se dedicam às transmissões por ondas eletromagnéticas, **Oscar Dubeux Pinto** assume em 1º de maio de 1925 o posto de chefe-operador da estação do Rádio Clube de Pernambuco³, **fundado em 6 de abril de 1919 e reorganizado quatro anos depois**⁴. Ao noticiar o fato, o *Jornal Pequeno* (2 maio 1925, p. 8), de Recife, estampa uma fotografia, na qual o jovem “aparece ao lado de um aparelho por ele construído, com o qual obteve, na recente Exposição Geral do Estado⁵, medalha de prata e diploma de mérito⁶”. Pode-se dizer que Dubeux é, então, um arquétipo da maioria dos amadores da radiotelegrafia e da radiotelegrafia, radio-escutas ou sem-filistas, idealistas que, desde a década anterior, operam estações próprias, não raro, às escondidas. Estimados em 1.200 até o final da década⁷ (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 6 jun. 1929, p. 4), esses entusiastas têm papel fundamental no desenvolvimento, pela primeira vez no Brasil, e com boa chance de o ser também na América do Sul, da **radiocultura**, expressão daqueles tempos cuja análise demonstra a necessidade de posicionar a cidade de Recife como berço da radiodifusão no Brasil.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, 20º Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Esta reflexão não seria possível sem o auxílio das então estudantes de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Luísa Santini Januário, Nicolle Züge Marazini e Paloma da Silveira Fleck, além da jornalista Elisa Kopplin Ferraretto, que dedicaram tempo à pesquisa na Hemeroteca Digital Brasileira – <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. É tributária de colaborações dos professores Luiz Maranhão Filho, da Faculdade Maurício de Nassau, de Recife (PE); Pedro Serico Vaz Filho, da Universidade Anhembi-Morumbi, de São Paulo (SP); e Guilherme Moreira Fernandes, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, de Cachoeira (BA).

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Responsável pelo Núcleo de Estudos de Rádio, grupo de pesquisa certificado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: luiz.ferraretto@ufrgs.br.

³ Como na época, usa-se o Rádio Clube, reforçando a ideia da entidade (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19 jul. 1984, p. 5).

⁴ A reorganização do Rádio Clube de Pernambuco ocorre a partir de uma reunião realizada no dia 16 de outubro de 1923 (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 18 out. 1923, p. 1).

⁵ Evento organizado pelo governo de Pernambuco e realizado de 18 de outubro a 16 de novembro de 1924.

⁶ Este e os demais trechos citados de textos anteriores ao Acordo Ortográfico de 1990 tiveram sua grafia adaptada às normas atuais. Foram corrigidos, ainda, erros na utilização da Língua Portuguesa e/ou eventuais falhas de composição.

⁷ A informação é do reorganizador do Rádio Clube de Pernambuco, Oscar Pinto Moreira, que assina, então, artigos na imprensa como Oscar de Capanema.

Recorre-se a tal ideia por se considerar o contexto e o processo de desenvolvimento do meio de comunicação em si mais importantes do que as persistentes polêmicas sobre a data de irradiações pioneiras. Por vezes, estabelecer um momento estático encobre a dinâmica histórica a perpassar o ali ocorrido. Para demonstrar isso, *insere-se a noção de radiocultura em periodização proposta anteriormente* (FERRARETTO, maio-ago. 2012), perpassando a totalidade da *fase de implantação*⁸ do rádio e adentrando o início do período seguinte, o de *difusão*⁹, quando, tratadas como negócio, as estações consolidam-se junto ao público. *Torna-se indispensável re-pensar afirmações com base no senso comum e até em pesquisas de cunho científico, as quais marcam os discursos acadêmico, empresarial e jornalístico a respeito. São essas a ideia de que Exposição Internacional do Rio de Janeiro é o início oficial do meio no país e de que a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro tem prevalência em relação aos entusiastas nordestinos. Dá-se assim continuidade também a outras reflexões* (FERRARETTO, jan.-jun. 2013/ FERRARETTO, jan.-jun. 2018). No conjunto delas, trilha-se caminho idêntico ao indicado pela *Carta de Natal* (ALCAR, 20 jun. 2019), documento no qual os pesquisadores reunidos durante o XII Encontro Nacional de História da Mídia, realizado na capital do Rio Grande do Norte, referendam o Rádio Clube de Pernambuco como o pioneiro da radiodifusão no país.

Não se pode considerar a demonstração realizada na abertura da Exposição Internacional do Rio de Janeiro, em 7 de setembro de 1922, como “a primeira transmissão oficial de rádio no Brasil” (FOLHA DE SÃO PAULO, 25 set. 2012, p. A3), posição, de tempos em tempos, reiterada por entidades do setor e pela imprensa, caso do artigo comemorativo ao Dia do Rádio, assinado pelo então presidente da Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), Daniel Slaviero, publicado em vários jornais e de onde se extraiu a assertiva. A palavra “oficial” remete à ideia de organização por parte das autoridades, algo que foi se construindo a partir da irradiação do discurso inaugural do presidente Eptácio Pessoa, dando início a uma série de demonstrações realizadas pelas estações SPC, da Westinghouse Electric and Manufacturing Company, instalada no Corcovado, e SPE, da Western Electric, na Praia Vermelha. Na realidade, o governo federal promoveu a exposição em si, mas as demonstrações – como as de tantos outros produtos e serviços – foram bancadas pelas empresas, tendo por objetivo buscar novos clientes para seus produtos, entre esses a União (FERRARETTO, jan.-jun. 2013).

⁸ Primeira fase da periodização proposta, estende-se do final da década de 1910 até a segunda metade dos anos 1930 e é marcada pela instalação das estações pioneiras, organizadas como associações (FERRARETTO, maio-ago. 2012, p. 8-10).

⁹ Segunda fase da periodização proposta, vai do início da década de 1930 até a segunda metade dos anos 1960, caracterizando-se pelo predomínio de uma estratégia mercadológica de difusão, na qual o público é tomado como um todo ao qual se destina a programação formada, majoritariamente, por novelas, humorísticos e programas de auditório (FERRARETTO, maio-ago. 2012).

Essas ações das duas empresas dos Estados Unidos pouco se diferenciam de outras realizadas anteriormente, como a da Marconi's Wireless Telegraph Company, no Rio de Janeiro, em 1º de abril de 1920, conectando as instalações da Marinha, na ilha das Cobras, com o Palácio Rio Negro, local de veraneio da Presidência da República. Dias depois, a revista *Fon-fon* (10 abr. 1920, p. 3) registra: “No Brasil, foi esta a primeira vez que se utilizou a radiotelegrafia e, como tal, este acontecimento merecia ser devidamente assinalado”. Oficial por oficial, a experiência da Marconi tem por trás a Marinha. Curiosamente, tanto em 1º de abril de 1920 quanto em 7 de setembro de 1922, a voz mais *governamental* transmitida é a do então presidente Epitácio Pessoa. Cabe observar ainda que, no início do mesmo ano da demonstração da Marconi, os jornais registram também outros testes realizados pela Marinha, por exemplo, os em que são usados os destróieres Pará (A NOITE, 9 fev. 1920, p. 3), Paraná (DIÁRIO DA MANHÃ, 5 mar. 1920, p. 3) e Sergipe (A NOITE, 20 mar. 1920, p. 3). Voltando mais no tempo, como já descrito (FERRARETTO, jan.-jun. 2018, p. 151-153), ocorre, em 17 de abril de 1911, na costa da Bahia, a demonstração do chamado sistema Telefunken desenvolvido pelo consórcio Gesellschaft für drahtlose Telegraphie, a bordo do SMS von der Tann, cruzador-encouraçado alemão, de onde se transmite música captada pela Estação de Amaralina.

Fique claro, portanto, que as transmissões de 7 de setembro de 1922 não eram nem oficiais, nem pioneiras, embora, pela instalação de alto-falantes nos pavilhões da exposição e em função da distribuição de receptores a figuras de destaque na sociedade, possa se dizer que tenha sido a mais pública até aquele momento, referendando-se o afirmado em outra oportunidade (FERRARETTO, 2007, p. 93-94). Por outro lado, no atual estágio da pesquisa histórica, perderam sentido assertivas que relativizam as experiências realizadas pelo Rádio Clube de Pernambuco em prol de um caráter supostamente mais “regular” (FERRARETTO, 2007, p. 95) das transmissões da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 20 de abril de 1923. Na sequência, sem diminuir o papel desse grupo de idealistas liderado por Edgard Roquette-Pinto, vai se demonstrar que o ocorrido na então capital federal faz parte de um processo maior cujo início remonta a meados da década de 1910 e tem por local a cidade de Recife.

Faz-se necessário compreender, no seu contexto de época, o significado do termo “cultura” e do seu emprego em relação ao rádio. Antes, é preciso demarcar que “rádio”, a palavra em si, possui um sentido diverso, nas décadas iniciais do século 20, daquele a identificar, logo em seguida, o meio responsável pela transmissão de mensagens sonoras por ondas

eletromagnéticas de uma estação para diversos pontos receptores. Como demonstrado (FERRETTI, 2012), radiotelegrafia, radiotelegrafia e radiocomunicação¹⁰ confundem-se da década de 1880 até os anos 1920¹¹ nos países de fala inglesa com reflexos evidentes no Brasil, sendo denominadas, genericamente, de *wireless* – em português, sem fio. Conforme o *Oxford English Dictionary* (2009), o prefixo “**radio-**” vai formar essas palavras substituindo, a partir de 1881, a expressão “**wireless**” e adquirindo, na década de 1900, significado independente como sinônimo dessas, dos aparelhos empregados e mesmo da mensagem específica transmitida através de telegrafia ou de telefonia por ondas eletromagnéticas. Cabe recordar que, para identificar o meio de comunicação específico, a mesma fonte registra a disseminação do uso de “**radio**” somente a partir de 1922, embora Lee De Forest, um dos cientistas pioneiros deste campo, já a utilize, com sentido semelhante, em um artigo publicado no ano de 1907.

DO SEM FIO À RADIOCULTURA

Em uma cidade que deve a sua denominação à “linha de arrecifes que formava um ancoradouro” (SILVESTRIN; NOLL; JACKS, 2016, p. 155), é a posição geográfica e a existência de um porto a conectar o Nordeste com o exterior e com o Sudeste servem de provável explicação para a proximidade dos amadores de Recife com a tecnologia da comunicação por ondas eletromagnéticas. Já nos anos 1910, mensagens em Código Morse ou de voz são essenciais à economia de Pernambuco focada na exportação de açúcar e dependente, a partir dos armazéns e do cais, da informação sobre a chegada e saída de navios, além do contato com tais embarcações. Não por acaso, ao longo da década, a Société de Construction du Port de Pernambuco encarrega-se da modernização da estrutura existente, que volta ao controle do governo estadual em 10 de dezembro de 1920 (PORTO DO RECIFE, [s.d.]). Comércio exterior, indústria açucareira, marinha mercante, novo cais e armazéns recém-construídos permitem supor também tanto a necessidade de uma tecnologia de comunicação sem fios quanto a possibilidade de acesso a informações sobre essa provenientes de outros países, que chegam na forma de publicações via postal ou mesmo por meio de passageiros e tripulantes.

Já no início dos anos 1910, na imprensa local, artigos de entusiastas demonstram familiaridade com os avanços dessas tecnologias no exterior. É o caso de *A telegrafia sem fios no Brasil* (JORNAL PEQUENO, 1º jan. 1910, p. 1), assinado por Mário Melo¹², que alude a “uma

¹⁰ Expressão que identifica as comunicações via ondas eletromagnéticas de uso militar e naval.

¹¹ Mesmo em 1929, a palavra “radiotelegrafia” ainda é usada como sinônimo de “rádio”. Preocupados com o futuro do Rádio Clube de Pernambuco, associados fazem publicar nos jornais textos nos quais, por exemplo, afirmam: “Parece incrível que, enquanto a radiotelegrafia prospera em todo o universo, enquanto, mesmo no Brasil, se multiplique em estações, como no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, na Bahia, no Ceará e no Pará, tenha de sucumbir por inanição a mais antiga sociedade de rádio da América do Sul” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 7 jun. 1929, p. 3).

¹² O mesmo que, em 10 de outubro de 1923, aparece como um dos entusiastas a subscrever a ata da reunião de reorganização do Rádio Clube de Pernambuco (JORNAL PEQUENO, 22 set. 1933, p. 1).

revista norte-americana” sem identificá-la e chega a listar obras de referência nas quais se baseia. Entre outros, são citados os livros *La télégraphie sans fil, l'œuvre de Marconi*, de Emilio Guarini; *La télégraphie sans fil*, de Henry de Graffigny; e *Tratado práctico de eletricidade*, de Alfredo Soulier. Em tom algo eufórico, outro texto sem identificação de autoria (A PROVÍNCIA, 5 jul. 1914, p. 9) prevê: “É de se esperar que a radiotelegrafia será, dentro de pouco tempo, empregada em todas as comunicações transoceânicas”. A proximidade com a literatura especializada também aparece na circulação em Recife de publicações como a *Revista Marítima Brasileira*, da Marinha de guerra, trazendo, por vezes, textos técnicos sobre o sem fio, caso de sua edição de março de 1910 (A PROVÍNCIA, 20 maio 1910, p. 1); ou como o *Year book of wireless telegraphy and telephony*, anuário para 1915, “um luxuoso volume encadernado, com cerca de 800 páginas” enviado pelo seu editor para o jornal *A Província* (15 maio 1915, p. 1).

Há ainda reproduções de entrevistas com Guglielmo Marconi (JORNAL PEQUENO, 12 out. 1910, p. 1) e de reportagens a respeito de suas invenções e empresas (JORNAL PEQUENO, 21 jan. 1911, p. 3), além de notícias acompanhando a instalação de estações radiotelegráficas, como a da ilha de Fernando de Noronha (JORNAL PEQUENO, 1º jul. 1913, p. 3), ou sobre conferências a respeito de radiotelegrafia, caso da proferida pelo telegrafista José Diniz Barreto (JORNAL DO RECIFE, 16 abr. 1914, p. 11). Cabe lembrar ainda que um dos poucos registros localizáveis na Hemeroteca Digital Brasileira relacionado à já citada transmissão do SMS von der Tann é da imprensa pernambucana. “Nas experiências de radiotelegrafia”, registra o *Jornal do Recife* (19 abr. 1911, p. 1), “foram ouvidas distintamente melodias, árias e canções executadas a bordo”. Embora sucinta, essa descrição é a mais completa a respeito do ocorrido e, talvez, não por acaso seja de um periódico daquela capital nordestina.

Com chances ou não de se relacionar ao deslumbramento frente ao sem fio, o *Diário de Pernambuco* (18 nov. 1914, p. 5) publica uma nota, curiosa pela inexistência de mais detalhes a respeito. Trata-se, no entanto, de mais um indício sobre as particularidades do ambiente da região, mesmo que a entidade referida apenas usasse – com propriedade ou por blague – a palavra “rádio”:

Na vizinha cidade de Olinda, segundo nos informam, vai ser criada uma sociedade recreativa por alguns cavalheiros ali veraneando.

O Rádio Clube, que tal é o nome da aludida sociedade, é composto exclusivamente de pessoas de distinção social, tendo por fim proporcionar às famílias olindenses, durante a estação, diversões variadas. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 18 nov. 1914, p. 5).

Neste contexto de curiosidade em relação ao sem fio, é preciso tomar a palavra “cultura” como o fazem então tais entusiastas para formar a expressão “radiocultura”. O *Dicionário prático ilustrado*, editado sob a direção de Jayme de Séguier, registra:

Cultura, s. f. (lat. *cultura*). Ato, modo ou efeito de *cultivar*: *a cultura do cacau tem enriquecido a ilha de S. Tomé*. Utilização industrial de certos produtos naturais: *a cultura dos bichos da seda*. Estudo: *a cultura da poesia*. Elegância, esmero: *a cultura da linguagem*. Adiantamento, civilização: *a Alemanha é um país de grande cultura*. (DICCIONÁRIO PRÁTICO ILUSTRADO, 1910. p. 291).

Radiocultura remete ao cultivo do rádio, ao seu estudo e à sua divulgação, incluindo ou não práticas de produção, transmissão e/ou recepção de conteúdo, utilizando um bem natural, as ondas eletromagnéticas. É algo em processo, um rádio em transição que deixa, em termos de morfologia, de ser prefixo e vai abandonando a telegrafia e a telefonia para se transformar em algo novo e independente, um cultivo que metamorfoseia a entidade em emissora. Fique claro que se diferencia da difusão de cultura, aquela tomada como um ideal de civilização.

Em alguns dos chamamentos publicados nos jornais para que o Rádio Clube seja fundado, fica clara a existência de um referencial estrangeiro de modernidade, emanando da América do Norte: “Um grupo de rapazes que se dedicam aos estudos da eletricidade e de suas manifestações, em boa hora, resolveu, a exemplo dos Estados Unidos, constituir uma sociedade para incentivar o estudo da radiografia¹³ entre nós” (JORNAL PEQUENO, 5 abr. 1919. p. 3). Há o desejo de emular práticas como a criação da Radio League of America, fundada em 1915, em Nova Iorque. Isso aparece claramente nos *Estatutos e regulamentos das estações* (RÁDIO CLUBE DE PERNAMBUCO, 1919), aprovados pelos associados em assembleia realizada na Escola Superior de Eletricidade, no dia 27 de abril de 1919. Uma comparação desse documento com as regras estabelecidas pela Radio League of America (THE ELECTRICAL EXPERIMENTER, dez. 1915, p. 381-384) demonstra semelhança entre os objetivos dos amadores pernambucanos e de seus colegas norte-americanos. O estatuto do Rádio Clube é claro a respeito da promoção de práticas que se confundem na época:

Art. 2º – O fim do Rádio Clube é defender os interesses da numerosa classe de radio-amadores, promovendo ao mesmo tempo o seu aperfeiçoamento técnico, sobre as seguintes bases:

A – **Vulgarizar**, entre os seus associados, a telegrafia sem fio e outras aplicações das ondas hertzianas, tais como a telefonia sem fio, a radiodinâmica¹⁴ etc., tornando-os, por esta forma, uteis à sua Pátria, pois a T.S.F.¹⁵ tem influente papel nos exércitos e marinhas das principais potências.

B – **Trabalhar** junto aos poderes públicos do país a fim de ser conseguida uma lei, semelhante à existente nos Estados Unidos da América, regulando as estações experimentais e as de amadores.

C – **Solicitar** da imprensa local, da Capital Federal e de todos os demais estados da União, inteiro apoio às ideias acima, tornando-se, portanto, mais fácil a realização do nosso *desideratum*.

¹³ Expressão que, talvez por desconhecimento ou pelas confusões de então, aparece, por vezes, como sinônimo das tecnologias relacionadas à comunicação por ondas eletromagnéticas.

¹⁴ Controle de mecanismos por ondas eletromagnéticas (MIESSNER, 1916).

¹⁵ Telegrafia ou telefonia sem fio. Na época, as duas formas confundem-se no uso dado à sigla.

D – A montagem de uma estação experimental de primeira ordem, onde possam ser estudados e aperfeiçoados os meios de transmissão sem fios do pensamento humano, já por sinais convencionais como os atualmente em uso na telegrafia, já pela telefonia. **E – Conseguir** dos amadores dos demais estados da federação a fundação de sociedades congêneres, as quais, sob a mesma denominação e programa, serão oportunamente coligadas em uma única associação, sob o título de **Rádio Liga Brasileira**. (RÁDIO CLUBE DE PERNAMBUCO, 1919, p. 3-5).

A referência à necessidade de uma legislação específica evoca situações vivenciadas em 1914, quando, sob o impacto da Grande Guerra, os amadores sofrem dura fiscalização por parte do governo federal. De certo modo, aproxima-se também do regramento da Radio League of America a explicitar a obediência ao “Wireless Act of 1912” (THE ELECTRICAL EXPERIMENTER, dez. 1915, p. 383). A preocupação aparece com mais nitidez nas seis determinações sobre transmissão e nas três a respeito de recepção que compõem o *Regulamento das estações de amadores* (RÁDIO CLUBE DE PERNAMBUCO, 1919, p. 14-16). Nessa parte do documento, fica claro que o grupo original de Recife ainda está mais próximo da telegrafia sem fio: “O código oficial será o **continental**¹⁶ e não será permitido, sob pretexto algum, o uso de códigos secretos” (RÁDIO CLUBE DE PERNAMBUCO, 1919, p. 15).

Sobre o desenvolvimento inicial do meio, Humberto Sodré Pinto (2013) oferece importante contribuição, em especial por concentrar o foco na importância do Rádio Clube de Pernambuco. O autor divide a história do rádio em três períodos: (1) *radiocuriosidade*, “época em que os curiosos da especialidade se reuniam para tomar conhecimento da nova técnica, tentando com ela identificar-se, estudá-la, aprendê-la e iniciar-se nas recepções e transmissões radioelétricas” (PINTO, 2013, p. 203); (2) *radiocontribuição*, “quando foram organizadas as sociedades civis”, isto é, “uma organização denominada sociedade ou clube, com estatutos e regulamentos aprovados e sedes instaladas, passando então a serem cobradas mensalidades” (PINTO, 2013, p. 204); e (3) *rádio comercial*, “o último e atual estágio alcançado [...], abrangendo mais de 95% das emissoras em funcionamento, que se mantêm exclusivamente pelas receitas de publicidade” (PINTO, 2013, p. 204-205). Para o escopo desta reflexão, interessam as duas primeiras.

Pela leitura dos estatutos e pela consulta aos jornais de época, vai se divergir do exposto por Sodré Pinto. Fique claro que não se está diminuindo o depoimento publicado originalmente no ano de 1965 em *Comunicações & Problemas*, pioneira revista científica criada por Luiz Beltrão no Instituto de Ciências da Informação da Universidade Católica de Pernambuco. Afinal, trata-se do primeiro texto a reivindicar, no meio acadêmico, um papel relevante para o grupo de Recife. Em um raciocínio interessante considerando os dados então disponíveis, Sodré

¹⁶ Forma aperfeiçoada do Código Morse criada na Europa e, por ser mais simples do que a original, adotada oficialmente pela União Telegráfica Internacional em 1912.

Pinto (2013, p. 206) aponta o Rádio Clube de Pernambuco como o pioneiro do momento inicial, o de *radiocuriosidade*, papel que atribui à Rádio Sociedade do Rio de Janeiro no período seguinte, o de *radiocontribuição*. Na realidade, a grande diferença entre as duas entidades não se relaciona às suas formas de estruturação. Afinal, já nos estatutos do Rádio Clube, o artigo 6º estabelece: “Fica adotada a joia de 5\$000¹⁷ e a mensalidade de 2\$000, para os sócios efetivos. Os fundadores estão isentos da contribuição de joia, sendo, porém, obrigados ao pagamento das mensalidades” (RÁDIO CLUBE DE PERNAMBUCO, 1919, p. 5-6). Conforme Maria Elvira Bonavita Federico (1982, p. 38), usando como base publicações da Rádio Sociedade, a entidade carioca chega a arrecadar 33.400\$000¹⁸ em mensalidades no ano de 1923. A diferença entre ambas está mais no contato prévio de seus idealizadores com o sem fio e no que havia disponível em termos de possibilidades para essa tecnologia à época das fundações de tais associações.

Há aqui outro ponto de divergência em relação ao exposto por Sodré Pinto. Os indícios apontam para a troca de mensagens de telegrafia sem fio entre entusiastas desde antes do Rádio Clube ser fundado (A PROVÍNCIA, 20 abr. 1915, p. 1). É um processo que, ao ir incorporando o som, faz a passagem para a radiotelegrafia e, dessa última, para o rádio como meio de comunicação. De que processo se trata? Do indicado, conforme o contexto de época, pela palavra “radiocultura”, algo que se inicia em Recife e do qual associações posteriores fazem parte como continuadoras, caso da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Pode-se dizer que se concretiza completamente apenas após a regulamentação da publicidade pelo decreto n. 21.111, de 1º de março de 1932, a partir do qual o cultivo do rádio consolida-se sob a crescente hegemonia das emissoras comerciais. Em Recife, como vai se descrever em seguida, tal processo é tributário de quatro pioneiros cujas trajetórias entrelaçam-se com a do Rádio Clube de Pernambuco: Augusto Pereira, Oscar Dubeux Pinto, Oscar Moreira Pinto e Tito Xavier. Pelos três últimos, passam também as primeiras transmissões realmente radiofônicas de Recife, embora não seja possível precisar a data em que ocorreram, sua existência baseie-se em relatos orais e nenhum de seus protagonistas fizesse parte do grupo fundador do Rádio Clube de Pernambuco.

DO RÁDIO COMO PREFIXO À RÁDIO COM PREFIXO

É Augusto Pereira quem dá o passo inicial no desenvolvimento da radiocultura no Brasil. Se há a necessidade de um documento a atestar o seu papel no desencadear do processo, esse aparece na forma de uma carta, com data de 17 de abril de 1915 e publicada no jornal *A Província* (20 abr. 1915, p. 1), em meio à constante fiscalização e apreensão de estações amadoras por parte do governo federal em função da neutralidade brasileira na Grande Guerra

¹⁷ Respectivamente, cinco mil-réis e dois mil-réis, a moeda da época.

¹⁸ Na moeda da época, 33 contos e 400 mil-réis.

iniciada no ano anterior. Nela, esse entusiasta defende a elaboração de uma lei semelhante à existente nos Estados Unidos ou na Inglaterra, que, após o conflito, regule as estações dos amadores do sem fio, já então contando mais de uma dezena apenas em Recife.

A respeito dessa época e citando a mesma carta, depoimento de Oscar Dubeux Pinto (abr. 1984) dá conta de que, antes da Grande Guerra de 1914-1918, “já havia em Pernambuco amadores de radiotelegrafia que se intercomunicavam utilizando aparelhos construídos por eles próprios”. Conforme essa mesma fonte, com o fim do conflito, Augusto Pereira mantém contato com amadores até de outras regiões, sempre com um objetivo:

Agora que não havia mais guerra, os amadores, já em número maior, tratavam de se congregarem numa associação que defendesse seus interesses, não somente no campo da radiotelegrafia, como também na radiotelefonia, ou seja, a transmissão da voz e da música pelo rádio (PINTO, abr. 1984).

Em seu relato, Dubeux Pinto oferece um roteiro para a compreensão dos primeiros momentos do Rádio Clube. Como descrito, Augusto Pereira envia três correspondências, todas publicadas em edições da revista *Radio Amateur News*, órgão oficial dos sem-filistas americanos. Na primeira, apresenta a entidade brasileira e solicita cópias da legislação americana e dos estatutos da Radio League of America, além de indicações de fornecedores de equipamentos (RADIO AMATEUR NEWS, ago. 1919, p. 69). Nas duas cartas subsequentes, apresenta o secretário do Rádio Clube, Alexandre Braga, pedindo que lhe seja facilitado o acesso às estações de amadores durante sua visita aos Estados Unidos (RADIO AMATEUR NEWS, set. 1919, p. 126). Com referência à revista da Radio League, Dubeux Pinto (abr. 1984) registra ainda a publicação de uma fotografia enviada por Augusto Pereira, na qual aparece “um pequeno transmissor de telefonia de 5 watts”. Na estação-laboratório, é possível ver um bocal – o microfone – em um dos equipamentos, comprovando a informação de que se trata de um aparelho apto à transmissão da voz (RADIO AMATEUR NEWS, nov. 1924, p. 680).

Pelos dados existentes, não é possível afirmar se esse equipamento chega a ser usado antes das transmissões realizadas pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro a partir de 1º de maio de 1923 (FERRARETTO, jan.-jun. 2013, p. 17-20). No entanto, transcrito por Dubeux Pinto (abr. 1984), depoimento do próprio Augusto Pereira dá pistas a respeito:

[...] usávamos os nossos transmissores e receptores de telegrafia e telefonia **home made** e, aos poucos, impondo-nos à boa amizade dos profissionais, oferecíamos para escuta aparelhos feitos por nós, melhores e mais eficientes do que os existentes nas estações de T.S.F., já obsoletos, e, assim, eles iam *esquecendo* a nossa *clandestinidade*. Convém esclarecer não ter iniciado a *mania* em 1919. Antes de 1910 eu já mexia com o éter.

No mesmo relato, Pereira – “no ocaso da sua vida, esquecido, magoado, amargurado” (PINTO, abr. 1984) – relaciona a fundação da entidade com a ideia de radiocultura:

O Rádio Clube de Pernambuco foi a primeira entidade de radiocultura fundada no Brasil, quiçá na América do Sul. [...] Devo dizer que as minhas atividades nessa ciência vinham de longe, podendo afirmar que antes de 1910. Havia uma mentalidade contrária a nossa *mania*. Éramos perseguidos, os nossos aparelhos apreendidos pela polícia etc., porque dizia-se tratar-se de *clandestinos* no setor de comunicações radioelétricas. Essas perseguições, segundo corria entre nós, originava-se, principalmente, da Companhia Marconi¹⁹, o que não posso afirmar. Leitor constante de revistas científicas americanas e francesas, imaginei ser possível adotar no Brasil a conduta americana na organização de **radio clubs** semelhantes aos que pululavam nos Estados Unidos. Reuni os maníacos, discutimos sobre o assunto e resolvemos fundar a nossa própria associação, para nos livrarmos das perseguições das companhias privadas e do próprio governo. (PEREIRA apud PINTO, abr. 1984).

Impulsionando o desenvolvimento da radiocultura, o foco dos pioneiros de Pernambuco começa a mudar depois de 1920 com o início das transmissões da KDKA, estação de rádio instalada em Pittsburgh, nos Estados Unidos, e operada pela Westinghouse. A mais antiga referência à escuta da emissora por pessoas ligadas ao Rádio Clube de Pernambuco localizada na Hemeroteca Digital Brasileira aparece no início de 1924 e, mesmo assim, citando algo ocorrido em São Paulo, no dia 17 de janeiro, durante uma visita àquela cidade de Carlos Lacombe (RÁDIO, fev. 1924, p. 7-8), engenheiro que, pouco antes, participa da reorganização da entidade recifense (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 11 out. 1923, p. 6). No entanto, é de se supor algum conhecimento anterior a respeito de tais irradiações, uma vez que, desde antes da fundação do Rádio Clube, os entusiastas mantêm contato com publicações e amadores dos Estados Unidos. De fato, nos primeiros anos da década, o Rádio Clube enfrenta dificuldades para se manter – o que pode explicar uma ausência de registros a respeito do sem fio e de seus cultores –, acabando por receber, em 1923, quando de sua reestruturação, o apoio de um dos principais usineiros de então, como descreve Augusto Pereira (apud PINTO, abr. 1984):

[...] como um enviado do céu, surge a figura de João Cardoso Ayres Filho. Este, de volta de uma de suas costumeiras viagens ao estrangeiro e tendo observado o valor e a utilidade patriótica da nossa associação, propôs-nos a sua reorganização, disposto a empregar o seu capital e de vários amigos influentes.

Nos registros da imprensa de meados da década de 1920 sobre a escuta da KDKA, em Recife, surge com frequência o nome de Tito Xavier, “apontado como a maior autoridade em radiotelefonia em Pernambuco” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19 set. 1925, p. 1). Identificado como engenheiro ao assumir, em 1918, o cargo de chefe do Serviço de Eletricidade do porto de Pernambuco (JORNAL DO RECIFE, 2 out. 1918, p. 1), participa, na década seguinte, da reorganização do Rádio Clube e monta, em paralelo, uma oficina especializada na qual conserta equipamentos e comercializa receptores, tornando-se, conforme a seção *Radiotelefonia*,

¹⁹ Referência à subsidiária brasileira da Marconi's Wireless Telegraph Company.

publicada no *Diário de Pernambuco*, “o principal fabricante de aparelhos de ondas curtas para as irradiações de Pittsburgh” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 28 maio 1925, p. 2). A respeito de Tito Xavier e dando como fonte Oscar Dubeux Pinto, o jornalista Antônio Camelo (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19 jul. 1984, p. 3) registra em texto alusivo aos 65 anos do Rádio Clube:

Na fase de reorganização da Rádio Clube, em 1923/24, os possuidores de aparelhos de recepção ainda puderam escutar transmissões de voz e música feitas por uma estação clandestina. Os próprios dirigentes da Rádio Clube, usando processos de radiogoniometria²⁰, puderam localizar a estação, em Casa Amarela²¹, descobrindo então seu proprietário. Era o também pioneiro Tito Xavier, competente técnico e fabricante da aparelhagem de rádio. Ele fechou sua emissora fantasma e passou a integrar a diretoria técnica da rádio.

No entanto, a respeito de tais irradiações, o próprio Dubeux Pinto (abr. 1984) lamentaria: “Não foi encontrada qualquer informação referente à data em que isso aconteceu, infelizmente”. Essa falta de registro – explicada pelas proibições legais impostas aos amadores – acompanha outras experiências, também dependentes da memória e de relatos orais, que poderiam ser apontadas como as primeiras irradiações. É o caso da envolvendo João Cardoso Ayres Filho: “Ainda em 1923, antes de reorganizada, a Rádio Clube fez transmissões com equipamentos instalados na rua Benfica, no palacete residencial de João Cardoso Ayres, que depois veio a ser presidente da emissora. O programa chegou a ser ouvido em Jaboatão²²” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19 jul. 1984, p. 3).

A reorganização do Rádio Clube passa por Oscar Moreira Pinto, um jovem telegrafista que, por problemas de saúde, deixou a marinha mercante e, ao chegar em Recife, “tomou conhecimento da iniciativa dos pioneiros pernambucanos em radiotelefonia” (ALCIDES, 1997, p. 52). Sobre o seu envolvimento com irradiações sonoras, há várias versões apontando, algumas delas, para o mês de fevereiro de 1923, portanto antes das transmissões da Rádio Sociedade. Conforme o *Diário de Pernambuco* (31 mar. 1973, p. 13), Moreira Pinto desembarca em 1922, trazendo na bagagem “um transmissor Levy de 20 W e um receptor Crowsley”, equipamento que vai resultar em “uma pobre, mas engenhosa, adaptação”, tendo como “microfone, uma lata de doce, curvada em forma de cone”. Há aqui algumas imprecisões. A francesa Établissements Radio L.L., fundada em 1917 por Lucien Lévy, só começa a fabricar transmissores em 1923 (100 ANS DE RADIO, [s.d.]). A reportagem indica que Moreira Pinto, ao retornar para Recife, “de imediato” associa-se “a um grupo de idealistas pernambucanos” e instala “o seu serviço de amplificação” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 31 mar. 1973, p.

²⁰ Método que utiliza o radiogoniômetro: “Aparelho receptor de ondas eletromagnéticas, que permite determinar a direção em que se encontra o posto que as emite” (LELLO, [193-], v. 2, p. 821).

²¹ Bairro da zona norte de Recife.

²² Referência à cidade de Jaboatão dos Guararapes, município vizinho de Recife.

13). Já o receptor provavelmente foi grafado de forma equivocada. Deve se tratar de um Harko, o primeiro rádio de preço acessível – US\$ 20, logo reduzidos para US\$ 9 – produzido em larga escala e desenvolvido por iniciativa de Powel Crosley Jr. – portanto, sem o “w” –, “o Henry Ford do rádio” (LIGHTY, 2004, v. 1, p. 420) em uma comparação com o industrial que, com seu Modelo T, popularizou o automóvel.

Luiz Maranhão Filho (8 mar. 2017), principal defensor do pioneirismo do Rádio Clube, apresenta versão algo diversa, mas também aponta a importância de Dubeux Pinto nas transmissões de fevereiro de 1923:

[...] localizaram nos Correios e Telégrafos um transmissor de telegrafia do fabricante Lucien Levy, de Paris, e esse transmissor estava desativado. Então, eles começaram a mexer nesse transmissor [...] para fazer uma adaptação para fonia. Conta-se que esse rapaz [*Dubeux Pinto*] era tão curioso que pegou uma lata de goiabada, fez uma série de furinhos e adaptou para microfone movido a carvão magnético e esse microfone tinha uma ressonância tão grande que a pessoa tinha que falar numa distância de cinco metros para não dar o eco, a repetição.

A respeito de Oscar Moreira Pinto, descreve:

Fora das atividades marítimas, o ex-telegrafista não buscou, então, um passatempo, um clube de radiófilos. O que ele queria eram raízes; tanto que o transmissor adaptado já foi montado num casarão existente na rua Cruz Cabugá, número 349. endereço que a emissora de Oscar Moreira Pinto conservaria até os nossos dias. Foi neste endereço, o palco das primeiras experiências com o Lévy, confirmadas em depoimento do irmão de Oscar, Arnaldo Moreira Pinto, feito no Museu da Imagem e Som de Pernambuco. O som foi captado no portão, em fevereiro de 1923. (MARANHÃO FILHO, 1991, p. 9).

Versão semelhante é apresentada por Jota Alcides (1997, p. 53), dando como fonte também Arnaldo Moreira Pinto, mas identificando o equipamento como um Westinghouse, de alcance maior, e afirmando que, assim, “foi possível ser ouvido o som da emissora pioneira no centro e alguns subúrbios da capital pernambucana”. Pode-se tratar de uma confusão com irradiações posteriores relacionadas com a reorganização do Rádio Clube em 17 de outubro daquele ano. Observe-se o que registra o *Diário de Pernambuco* (7 nov. 1923, p. 3) sobre a reunião realizada em 6 de novembro, na qual se dá a aprovação dos novos estatutos da entidade:

Encerrada a sessão foram realizadas demonstrações práticas de radiotelefonia com os seguintes aparelhos: um da casa Telefunken, um fabricado em Pernambuco pelo sr. Tito Xavier, outro pelo sr. Manoel Roberto da Costa e um outro tipo Westinghouse e fabricado também em Pernambuco, pelos irmão Gatis.

Já Renato Phaelante da Câmara (1994, p. 28) observa:

Há notícias de que, apesar das dificuldades, no início dos anos 20, já na fase de rádio experimental, transmitem-se óperas, suítes, obras clássicas em geral, tudo isso feito através de discos emprestados pelos associados, servindo de programas eventuais para os novos adeptos que crescem em número, gradativamente, com seus receptores de rádio *galena*²³, acompanhados de fone de ouvidos.

²³ Galena é a denominação do sulfeto de chumbo em estado natural. Por extensão, o termo identifica um tipo de receptor de rádio fabricado, em geral, de forma caseira e dependente de uma escuta com fones de ouvido.

De fato, antes da reorganização, o *Jornal Pequeno* (10 out. 1923, p. 3) chega a registrar:

O Rádio Clube previne aos senhores amadores que diligencia para irradiar hoje à noite o espetáculo do Teatro Santa Isabel. Caso não seja possível, fará, como de costume, irradiar peças de vitrola.

O Rádio Clube tem usado dois comprimentos de onda, 300 e 800 metros.

Mesmo reorganizado, o pioneiro capítulo pernambucano do desenvolvimento da radiocultura ainda vai enfrentar uma série de dificuldades até o início da década de 1930. Conforme registra o *Diário de Pernambuco*, o Rádio Clube chega a contar apenas com 93 associados (6. jun. 1929, p. 4), estando à beira “de sucumbir por inanição” (7 jun. 1929, p. 3). De acordo com Jota Alcides (1997, p. 54), já usava, então, o prefixo SQ1-C, dado pela Confederação Sul-americana de Radiodifusão, trocado para PRA-P, em 1931, e para PRA-8, cinco anos depois. Na década de 1930, com a publicidade regulamentada e incorporado aos Diários e Emissoras Associados, de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, nos anos 1940, completaria a transformação *do* Rádio Clube para *a* Rádio Clube.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há indícios que apontam para o Rádio Clube como o primeiro a irradiar som via ondas eletromagnéticas de um ponto de transmissão para vários de recepção. Não são dados, de fato, totalmente conclusivos. Aliás, condicionar o rádio à tecnologia soa algo reducionista. Melhor fazê-lo em relação à instituição social construída coletivamente, lembrando a conceituação proposta por Eduardo Meditsch (2010, p. 204):

Há mais de uma década, começamos a questionar o conceito de rádio atrelado a uma determinada tecnologia, procurando demonstrar que melhor do que isso seria pensar o rádio como uma instituição social, caracterizada por uma determinada proposta de uso social para um conjunto de tecnologias, cristalizada numa instituição.

Para além da questão histórica óbvia a respeito de quem irradiou antes, acredita-se que se tenha aqui descrito adequadamente o início da radiocultura, aquele processo a levar o meio ao patamar de instituição social. Neste sentido, sem dúvida, trata-se de algo que remonta a meados da década de 1910 na cidade do Recife, estado de Pernambuco, no Nordeste, permitindo afirmar que, lá, começou a radiodifusão no Brasil, tendo por eixo a fundação do Rádio Clube em 6 de abril de 1919.

REFERÊNCIAS

- 100 ANS DE RADIO. **Biographies – Lucien Levy**. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <http://100ansde-radio.free.fr/Biographies/Levy_Lucien.html>, Acesso em: 19 set. 2020.
- A RADIOTELEFONIA na Marinha. **A Noite**, Rio de Janeiro, 20 mar. 1920. p. 3.
- A RADIOTELEFONIA na Marinha. **Fon-fon**, Rio de Janeiro, 10 abr. 1920. p. 1-3.
- A TELEFONIA sem fios. **A Província**, Recife, 5 jul. 1914. p. 9.
- A TELEFONIA sem fios na Marinha. **A Noite**, Rio de Janeiro, 9 fev. 1920. p. 3.
- ALCIDES, J. **PRA-8 – O rádio no Brasil**. Brasília: Fatorama, 1997.

- AS ESTAÇÕES clandestinas de telegrafia sem fio. **Jornal do Recife**, Recife, 3 out. 1914, p. 4.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE HISTÓRIA DA MÍDIA. **Carta de Natal**. Natal, 20 jun. 2019. Disponível em: <<https://plone.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar/jornal-alcar-no-73-julho-2020/carta-de-natal>>. Acesso em 14 set. 2020.
- CÂMARA, R. P. da. **Fragmentos da história do Rádio Clube de Pernambuco**. 2.ed. Recife: Cepe, 1998.
- CAMELO, A. Atuando desde 1919, a Rádio Clube de Pernambuco é pioneira no Brasil. **Diário de Pernambuco**, Recife, 19 jul. 1984. Rádio Clube, 65 anos, 100 quilowatts, p. 2-4.
- CAPANEMA, O. de [pseudônimo de Oscar Moreira Pinto]. Radioeletricidade. **Diário de Pernambuco**, Recife, 6 jun. 1929. p. 4.
- CONFERÊNCIAS. **Jornal do Recife**, Recife, 16 abr. 1914. p. 11.
- CONVOCAÇÃO. Rádio Clube de Pernambuco. **Diário de Pernambuco**, Recife, 11 out. 1923. p. 6.
- DIÁRIO Social. **Diário de Pernambuco**, Recife, 18 nov. 1914. p. 5.
- DICIONÁRIO PRÁTICO ILUSTRADO/ NOVO DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO LUSO-BRASILEIRO. Lisboa, 1910.
- ENGENHEIRO Tito Xavier. **Jornal do Recife**, Recife, 2 out. 1918. p. 1.
- FAMÍLIA Associada presta homenagem. **Diário de Pernambuco**, Recife, 31 mar. 1973. p. 13.
- FEDERICO, M. E. B. **História da comunicação: rádio e TV no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- FERRARETTO, L. A. **Rádio – O veículo, a história e a técnica**. 3.ed. Porto Alegre: Doravante, 2007.
- FERRARETTO, L. A. Roberto Landell de Moura, o pioneiro brasileiro das telecomunicações. In: KLÖCKNER, L.; CACHAFEIRO, M. S. (Org.). **Por que o padre Roberto Landell de Moura foi inovador?** Porto Alegre: Editora da PUCRS/ Prefeitura de Porto Alegre, 2012. p. 38-54. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0226-8/pages/v2.pdf>>.
- FERRARETTO, L. A. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Eptic – Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação**, Aracaju: Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, v. 14, n. 2, maio-ago. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/11508>>.
- FERRARETTO, L. A. De 1919 a 1923, os primeiros momentos do rádio no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, ano 2, v. 3, n. 1, p. 11-20, jan.-jun. 2013 Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/3961/2299>>.
- FERRARETTO, L. A. O rádio antes do rádio: o Brasil como mercado para uma nascente indústria eletroeletrônica nas décadas de 1910 e 1920. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, v. 17, n. 33, p. 145-164, jan.-jun. 2018. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/5758/3375>>.
- LACOMBE, C. KDKA em São Paulo. **Rádio**, Rio de Janeiro: Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, p. 7-8, fev. 1924.
- LELLO UNIVERSAL – NOVO DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO LUSO-BRASILEIRO. Porto: Lello, [193-]. 2v.
- LIGHTY, L. W. Crosley, Powel 1886-1961. In: STERLING, C. H. (Ed.). **The Museum of Broadcast Communications encyclopedia of radio**. Nova Iorque: Taylor and Francis Group, 2004. v. 1, p. 420-422.
- LOGO que obtenha... **Jornal Pequeno**, Recife, 1º jul. 1913, p. 3.
- MARANHÃO FILHO, L. **Memória do rádio**. Recife: Jangada, 1991.
- MARANHÃO FILHO, L. Entrevista por telefone em 8 de março de 2017.
- MARANHÃO, Zilde. Música, ruído e chiado confundiam-se nas transmissões da década de vinte. **Diário de Pernambuco**, Recife, 19 jul. 1984. Rádio Clube, 65 anos, 100 quilowatts, p.5
- MEDITSCH, E. A informação sonora na webemergência: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia. In: MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano

- Francisco de (Org.). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Senac, 2010. p. 203-238.
- MELO, M. A telegrafia sem fios no Brasil. **Jornal Pequeno**, Recife, 1º jan. 1910. p. 1.
- MELO, M. Estendendo a mão à palmatória. **Jornal Pequeno**, Recife, 22 set. 1933, p. 1
- MIESSNER, B. F. **Radiodynamics: the wireless control of torpedoes and others mechanisms**. Nova Iorque: D. Van Nostrand Company, 1916.
- NAS EXPERIÊNCIAS de radiotelegrafia... **Jornal do Recife**, Recife, 19 abr. 1911. p.1.
- O GRANDE Marconi esteve algumas horas no Rio. **Jornal Pequeno**, Recife, 12 out. 1910. p. 1.
- OXFORD ENGLISH DICTIONARY. 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 2009. CD-ROM.
- PORTO DO RECIFE S.A. **História**. Recife, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.portodorecife.pe.gov.br/historia.php>>. Acesso em: 14 set. 2020.
- PEREIRA, A. Brazilian radio club. **Radio Amateur News**, Nova Iorque, ano 1, v. 1, n. 2, p. 69, ago. 1919.
- PEREIRA, A. Brazil radio club. **Radio Amateur News**, Nova Iorque, ano 1, v. 1, n. 3, p. 126, set. 1919.
- PINTO, H. S. Subsídios para a história do rádio em Pernambuco. In: MORAIS, O. J. D. (Org.). **Comunicações & Problemas – Luiz Beltrão – Parte 1**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2013. p. 202-231.
- PINTO, O. D. **Rádio Clube de Pernambuco – Notas sobre sua história**. Rio de Janeiro: abr. 1984. Texto fornecido pelo autor à Fundação Joaquim Nabuco, de Recife (PE).
- PUBLICAÇÕES. **A Província**, Recife, 20 maio 1910. p. 1.
- PUBLICAÇÕES. **A Província**, Recife, 15 maio 1915. p. 1.
- RÁDIO Clube. **Jornal Pequeno**, Recife, 5 abr. 1919. p. 3.
- RÁDIO CLUBE DE PERNAMBUCO. **Diário de Pernambuco**, Recife, 18 out. 1923, p. 1.
- RÁDIO CLUBE DE PERNAMBUCO. **Estatutos e regulamento das estações**. Recife, 1919.
- RÁDIO Clube de Pernambuco. **Diário de Pernambuco**, Recife, 7 nov. 1923, p. 3.
- RÁDIO Clube de Pernambuco. **Jornal Pequeno**, Recife, 10 out. 1923. p. 3.
- RÁDIO Clube de Pernambuco. **Jornal Pequeno**, Recife, 2 maio 1925. p. 8.
- RADIOELETRICIDADE. **Diário de Pernambuco**, Recife, 6 jun. 1929. p. 4.
- RADIOELETRICIDADE. **Diário de Pernambuco**, Recife, 7 jun. 1929. p. 3.
- RADIOTELEGRAFIA. **A Província**, Recife, 20 abr. 1915. p. 1.
- RADIOTELEFONIA. **Diário da Manhã**, Vitória, 5 mar. 1920. p. 3.
- RADIOTELEFONIA. **Diário de Pernambuco**, Recife, 28 maio 1925. p. 2.
- RADIOTELEFONIA. **Diário de Pernambuco**, Recife, 19 set. 1925. p. 1.
- SERVIÇO especial diário. **A Província**, Recife, 11 out. p. 4.
- SILVESTREIN, C. B.; NÖLL, G. (Org.); JACKS, N. (Coord.). **Capitais brasileiras: dados históricos, demográficos, culturais e midiáticos**. Curitiba: Appris, 2016.
- SLAVIERO, D. P. Os 90 anos do rádio brasileiro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 set. 2012. p. A3.
- THE AMATEUR station owned and... **Radio Amateur News**, Nova Iorque, ano 6, v. 6, n. 5, p. 680, set. 1924.
- THE RADIO League of America. **The Electrical Experimenter**, Nova Iorque, v. 3, n. 8, p. 381-384, dez. 1915.
- TORQUET, C. A telegrafia sem fios marcha dia a dia em admiráveis progressos. O comendador Marconi, que tanto trabalhou pela sua criação e propagação, acaba de praticar a bordo de um paquete uma série de experiências extremamente importantes. **Jornal Pequeno**, Recife, 21 jan. 1911. p. 3.
- ÚLTIMA hora. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 set. 1914. p. 1.